

UM

— **D**epressa!
— Quer ficar calma? Já tô quase acabando.
Com a mandíbula cerrada, Allie se agachava no escuro, pintando o último A enquanto Mark se ajoelhava ao lado segurando uma lanterna. As vozes ecoavam pelo corredor vazio. O facho de luz, que iluminava o trabalho de Allie, tremeu quando o rapaz riu.

Um ruído estalado repentino fez os dois pularem.

Luzes piscaram acima deles e logo inundaram o corredor da escola.

Dois uniformes encontravam-se na porta.

Allie abaixou a lata de spray devagar, sem tirar o dedo do botão, fazendo a letra se esticar bizarramente pela porta da sala do diretor até o piso de linóleo sujo.

— Corre.

Quando as palavras deixaram seus lábios, ela já estava voando pelo amplo corredor, as solas de borracha dos tênis chiando ocamente no vazio do colégio Brixton Hill. Não olhou para trás para ver se Mark estava vindo.

Não sabia onde estavam os outros, mas se Harry fosse pego outra vez, o pai o mataria. Dobrando a esquina às pressas, ela virou em um corredor escuro. No final viu o brilho verde de uma saída de emergência.

Uma sensação de poder passou por ela ao correr em direção à liberdade. Ia escapar. Ia se safar.

Trombando contra as portas duplas, empurrou com força a barra que deveria tê-la libertado.

Ela nem se moveu.

Não acreditando, empurrou novamente, mas a porta estava trancada.

Diabos. Se eu não estivesse vandalizando o colégio, pensou, alertaria o jornal local.

Febrilmente, examinou o corredor. A polícia estava entre ela e a entrada principal. A única saída neste lado estava trancada.

Tinha que haver outra saída.

Prendeu a respiração para escutar. Vozes e passos vindo em sua direção.

Apoiando as mãos nos joelhos, deixou a cabeça cair. *Não* podia ficar assim. Os pais acabariam com ela. Uma terceira prisão em um ano? Já tinha sido ruim o suficiente terem feito com que ela fosse para este colégio miserável. Para onde a mandariam agora?

Correu para a porta seguinte.

Um, dois, três passos.

Tentou a maçaneta.

Trancada.

Atravessou o corredor até outra porta.

Um, dois, três, quatro passos.

Trancada.

Agora estava correndo em direção à polícia. Isto era loucura.

Mas a terceira porta abriu. Um armário de suprimentos.

Deixam o armário de suprimentos aberto, mas trancam as salas de aula vazias? Essa escola é comandada por idiotas.

Esgueirando-se cautelosamente entre as prateleiras de papel, baldes de limpeza e equipamentos elétricos que não conseguia identificar no escuro, deixou a porta fechar atrás de si e controlou a respiração.

Estava totalmente escuro. Allie ergueu a mão na frente do rosto — bem na frente do rosto — e não conseguiu enxergá-la. Sabia que estava lá; podia sentir. Mas não conseguir vê-la foi algo que a desorientou instantaneamente. Esticando-se para se acomodar, engasgou quando uma pilha pesada de papéis começou a escorregar do alto. Lutou para reequilibrá-la, mesmo sem conseguir vê-la.

Do lado de fora da porta, ouvia vozes fracas; pareciam distantes. Só precisaria esperar mais alguns minutos e desapareceriam. Só mais alguns minutos.

Estava quente, abafado.

Fica calma.

Contou as respirações pesadas... *doze, treze, catorze...*

Mas estava acontecendo. Aquela sensação de estar presa em concreto, incapaz de respirar. O coração estava acelerado, o pânico crescente queimando na garganta.

Por favor, fica calma, Allie, implorou a si mesma. *Mais cinco minutos e você vai estar segura. Os meninos nunca vão contar.*

Mas não estava funcionando. Sentia-se tonta; sufocada.

Tinha que sair.

Enquanto escorria suor pelo seu rosto e o chão parecia balançar embaixo dela, Allie alcançou a maçaneta.

Não, não, não... Não pode ser.

Aquela parte da porta era completamente lisa.

Perturbada, apalpou toda a porta impassível, em seguida a parede em volta. Nada. Não tinha como abrir por dentro.

Empurrou a porta, arranhou as bordas com as unhas, mas ela não cedeu. A respiração veio mais pesada agora.

Estava tão escuro.

Cerrando as mãos em punhos, bateu na porta lisa e inflexível.

— Socorro! Não tô conseguindo respirar. Abram a porta!

Não obteve resposta.

— Me ajudem! Por favor?

Detestava o tom de súplica na própria voz. Soluçando, colocou a bochecha na porta e arfou ao bater na madeira com as mãos.

— Por favor.

Quando a porta abriu, foi tão de repente que ela caiu para a frente desamparada, direto nos braços de um policial.

Ele a segurou com os braços estendidos, apontando uma lanterna em seus olhos, assimilando o cabelo desgrenhado e as bochechas marcadas por lágrimas.

Ele sorriu por cima da cabeça dela para o outro policial. Foi então que Allie viu Mark, com a cabeça abaixada e sem o boné. Estava preso às garras de outro policial, que retribuía o sorriso.

DOIS

Por cima do constante ronco de uma delegacia de polícia em uma noite de sexta-feira de verão, Allie escutou a voz do pai, tão claramente quanto se ele estivesse diante dela. Parou de enrolar o cabelo e olhou ansiosamente para a porta.

— Nem consigo expressar quanto estou agradecido. Sinto muito pelo incômodo — ouviu. O tom da voz do seu pai era um que ela conhecia muito bem: humilhado. Por ela. Escutou outra voz masculina que não conseguiu identificar, e em seguida o pai de novo: — Sim, estamos tomando providências, e eu agradeço seu conselho. Nós vamos discutir isso e tomar uma decisão amanhã.

Decisão? Que tipo de decisão?

Em seguida a porta se abriu, e seus olhos de cor cinza encontraram os azuis cansados do pai. Sentiu o coração apertar um pouco no peito. Amarrorado e com a barba por fazer, parecia mais velho. E muito cansado.

Ele entregou alguns papéis à policial, que mal os olhou antes de acrescentá-los à pilha. Ela mexeu numa gaveta e retirou de lá um envelope contendo as coisas de Allie, e o empurrou sobre a mesa para o pai dela. Sem olhar para nenhum dos dois, disse mecanicamente:

— Você está solta, aos cuidados do seu pai. Pode ir.

Allie se levantou, dura, e seguiu o pai pelos corredores estreitos e iluminados até a porta da frente.

Quando estavam lá fora, sob o ar fresco de verão, ela respirou fundo. O alívio por estar fora da delegacia se misturou à ansiedade por causa da expressão do pai. Caminharam em silêncio para o carro.

Do outro lado da rua, ele destrancou a porta do Ford preto, que deu o seu apito de boas-vindas incongruente e alegre. Quando ligou o motor, Allie virou-se para ele ansiosa, com os olhos cheios de explicações.

— Pai...

Ele olhou para a frente, com a mandíbula tensa.

— Alyson. Não.

— Não o quê?

— Não fala. Só... senta aí.

Depois disso o caminho foi silencioso. E ao chegarem em casa, seu pai saltou do carro sem uma palavra. Allie foi desajeitada atrás dele, a sensação de nervoso na boca do estômago aumentando.

Ele não parecia irritado. Parecia... vazio.

Allie subiu as escadas e atravessou o corredor, passou pelo quarto vazio do irmão. Na segurança do próprio aposento, examinou-se no espelho. Os cabelos tingidos de ruivo na altura dos ombros estavam emaranhados, tinta preta manchava a têmpora esquerda, o rímel se acumulava sob os olhos. Cheirava a suor rançoso e medo.

— Bom — disse para o próprio reflexo —, talvez pudesse ter sido pior.

Quando acordou na manhã seguinte, já era quase meio-dia. Saindo de baixo da coberta amarrotada, vestiu jeans e uma camiseta branca. Em seguida, abriu cuidadosamente a porta.

Silêncio.

Desceu na ponta dos pés para a cozinha, onde a luz do sol entrava através das janelas grandes, iluminando as bancadas de madeira. Tinham deixado para ela pão e manteiga, que derretia no calor. Havia uma xícara perto do bule, com um sachê de chá dentro.

Apesar de tudo, estava com muita fome. Cortou um pedaço de pão e o colocou na torradeira. Ligou o rádio para preencher o silêncio, mas, passado um instante, o desligou.

Comeu rapidamente, folheando as páginas do jornal da véspera, sem prestar muita atenção. Só quando acabou foi que notou o bilhete perto da porta da cozinha.

A-

Volto à tarde. NÃO saia de casa.

-M

Instintivamente, alcançou o telefone para ligar para Mark, mas o aparelho não estava no lugar de sempre, perto da geladeira.

Apoiando-se contra a bancada de madeira, tamborilou os dedos, ouvindo o constante tique-taque do relógio acima do fogão.

Noventa e seis tiques.

Ou seriam taques?

Como se sabe a dif...?

— Certo — disse. Endireitou-se e bateu a mão na bancada. — Dane-se. Correu para o quarto e abriu a gaveta da escrivaninha para pegar o laptop. A gaveta estava vazia.

Ficou parada, contemplando o significado inerente à ausência do computador. Seus ombros murcharam um pouco.

Seus pais não voltaram até o fim da tarde. Ela estava esperando ansiosamente — levantava para espiar pela janela cada vez que uma porta de carro batia — mas quando finalmente chegaram, adotou um ar de desinteresse, mantendo-se encolhida no sofá, assistindo à TV com o som desligado.

A mãe largou a bolsa no lugar de sempre, na mesa do corredor, e seguiu o pai até a cozinha para ajudá-lo a preparar chá. Através da porta aberta, Allie a viu repousar a mão reconfortantemente no ombro do pai só por um segundo antes de ir até a geladeira buscar leite.

A coisa não está parecendo boa.

Alguns minutos depois estavam empoleirados lado a lado no sofá azul-marinho diante dela. O cabelo do pai estava cuidadosamente penteado, mas ele tinha círculos sob os olhos. A expressão da mãe era calma, mas seus lábios estavam rijos numa linha.

— Alyson... — o pai começou e hesitou. Esfregou os olhos, cansado.

A mãe assumiu as rédeas.

— Nós andamos conversando sobre o que podemos fazer pra te ajudar.

Ihhhhh...

— Você obviamente não está feliz no seu colégio atual — dizia muito precisa e lentamente. Os olhos de Allie desviaram de um dos pais para o outro. — E agora que você invadiu, pôs fogo na sua ficha e pichou “Ross é um babaca” na porta da sala do diretor Ross, não é nenhuma surpresa que eles também não estejam muito satisfeitos com você.

Allie mordeu a cutícula do dedo mindinho e lutou contra o impulso de soltar um risinho nervoso. Rir agora não ajudaria em nada.

— Essa é a segunda escola a nos pedir, muito educadamente, pra mandarmos você estudar em outro lugar. Estamos cansados de receber cartas educadas de escolas.

Seu pai se inclinou para a frente e olhou nos olhos de Allie pela primeira vez desde que a buscara na delegacia.

— Nós entendemos que você está se expressando, Alyson — ele disse. — Nós entendemos que foi assim que você escolheu lidar com tudo que aconteceu, mas chega. Pichações, vadiagem, vandalismo... Basta. Você já deixou bem claro.

Allie abriu a boca para se defender, mas a mãe lhe lançou um olhar ameaçador. A menina levantou os pés e abraçou os joelhos.

Agora era a vez da mãe novamente.

— Ontem à noite, o prestativo representante da polícia, que, por sinal, sabia tudo a seu respeito, sugeriu que te mandássemos pra um colégio diferente. Fora de Londres. Longe dos seus *amigos*.

Ela disse a última palavra com desprezo.

— Fizemos algumas ligações hoje de manhã e... — a mãe parou, olhando para o pai, quase incerta, antes de prosseguir — encontramos um lugar especializado em adolescentes como você.

Allie se encolheu.

— ... e hoje nós fomos visitá-lo. Conversamos com a diretora...

— Que foi absolutamente gentil — interveio o pai.

A mãe o ignorou.

— ... e ela concordou em te aceitar essa semana.

— Espera aí... Essa semana? — A voz de Allie se elevou incrédula. — Mas as férias de verão só começaram há duas semanas!

— Você vai ser interna — disse o pai, como se ela não tivesse se pronunciado.

Allie o encarou, boquiaberta.

Interna?

A palavra reverberou em sua mente.

Eles só podem estar brincando, disse a si mesma.

— ... o que vai ser difícil para a gente pagar, mas nós achamos que vale a pena tentar te proteger de você mesma, antes que jogue sua vida toda fora. Legalmente você é menor de idade, mas não vai ser por muito tempo. — Ele bateu no braço do sofá, e Allie o encarou. — Você tem 16 anos, Alyson. Isso tem que parar.

Allie escutou o coração bater forte.

Treze batidas, catorze, quinze...

Ela não conseguia acreditar no quão ruim isto era. Era inacreditavelmente ruim. Níveis recordes de maldade aconteciam neste exato momento no recinto. Inclinou-se para a frente na cadeira.

— Olha só, eu sei que errei. Estou me sentindo muito, muito mal por isso — desculpou-se Allie, incorporando o máximo possível de sinceridade na voz. Sua mãe não pareceu nada comovida, então ela se voltou para o pai, implorando. — Mas vocês não acham que estão exagerando? Pai, isso é loucura!

A mãe de Allie olhou novamente para o pai; desta vez com o olhar imponente. Ele olhou para a filha entristecido e balançou a cabeça.

— Tarde demais — disse ele. — A decisão já foi tomada. Você começa na quarta-feira. E até lá nada de computador, telefone nem iPod. E nada de sair de casa.

Quando os pais se levantaram, parecia que o juiz estava deixando o tribunal. No vazio que deixaram, Allie soltou a respiração, trêmula.

Os dias seguintes se passaram numa névoa de confusão e isolamento. Era para ela ter feito as malas e se preparado, mas em vez disso ficou tentando demover os pais do plano maluco.

Não conseguiu nada. Mal falavam com ela.

Terça à tarde sua mãe lhe entregou um envelope fino cor de marfim, dominado por um elaborado emblema de tinta preta espessa e as palavras: Academia Cimmeria. Abaixo daquilo, estava escrito “Informações para os novos alunos” numa bela caligrafia curvilínea.

As duas folhas no envelope pareciam ter sido digitadas em uma máquina de escrever. Não tinha certeza — nunca tinha visto papel de máquina de escrever —, mas cada uma das letras pequenas e quadradas tinha deixado um entalhe perceptível no papel cor de creme espesso. Cada página continha apenas alguns parágrafos; a primeira era uma carta da diretora da escola, uma tal de Isabelle le Fanult. Dizia que estava ansiosa por receber Allie no colégio.

Ótimo, pensou Allie. A segunda página não tinha muito mais utilidade que a primeira. Dizia que os lápis, canetas e papéis seriam providenciados pela escola. Que o uniforme também lhe seria oferecido. Que deveria escrever as iniciais com uma caneta à prova d’água ou “bordá-las” em todas as roupas que fosse levar consigo. Que poderia levar galochas e uma capa de chuva, pois “o campus da escola é grande e rural”.

Passou os olhos pelo resto da carta, procurando a habitual menção ameaçadora a “regras da escola”, e, como não podia deixar de ser, lá estava, destacada em negrito.

As regras completas sobre o comportamento dos alunos serão entregues na chegada. Por favor, leia-as e siga-as com rigor. Violações a qualquer norma escolar serão severamente punidas.

E logo abaixo, mais notícias ruins:

Após a chegada, alunos não podem deixar a área escolar sem autorização dos pais ou da diretora. Permissões raramente são concedidas.

As mãos de Allie tremeram ao pegar a primeira página do chão, dobrar a carta novamente no envelope e colocá-lo sobre a mesa.

O que é isso, um colégio ou um presídio?

Em seguida desceu para a cozinha, onde a mãe preparava o almoço.

— Vou ligar pro Mark — anunciou de maneira desafiadora, ao pegar o telefone, que reaparecia magicamente sempre que os pais estavam por perto.

— Ah, vai? — A mãe repousou a faca na bancada.

— Se eu vou ser mandada pra *cadeia*, tenho direito a um telefonema, não tenho? — disse Allie com tom de indignação justificada. Aquilo já tinha ido longe demais.

A mãe a examinou por um instante. Em seguida deu de ombros, pegou a faca e voltou a cortar um tomate em fatias finas.

— Liga pra ele então.

Allie teve que pensar um segundo antes de discar. Tinha o telefone de Mark na agenda do celular, então raramente precisava se lembrar do número.

O telefone tocou diversas vezes.

— Fala. — A voz dele era tão reconfortantemente familiar e normal que por um instante Allie achou que fosse chorar.

— Oi. É a Allie.

— Allie! Caramba. Por onde você andou? — perguntou. Sua voz soou tão aliviada quanto a dela.

— Trancada — respondeu. Fixou os olhos nas costas da mãe. — Tiraram meu telefone e meu computador. Não me deixam sair de casa. Como estão as coisas por aí?

— Ah, o de sempre — disse, rindo. — Os pais estão irritados, a escola está muito irritada, mas vai passar.

— Vão te expulsar?

— O quê? Do colégio? Não. Vão te expulsar?

— Parece que sim. Meus pais estão me mandando pra um presídio que insistem em chamar de escola. Em algum lugar na Mongólia Exterior.

— Sério? — Ele pareceu sinceramente chateado. — Que droga! Por que eles estão sendo tão idiotas? Ninguém se machucou. O Ross vai superar. Eu vou fazer alguma espécie de serviço comunitário, pedir desculpas pra todo

mundo e tudo vai voltar a ser o inferno de sempre na escola. Não acredito que seus pais estão sendo tão medievais.

— Nem eu. Escuta, os Medievais disseram que eu não vou poder falar com você depois que chegar ao colégio-presídio, mas se quiser me encontrar, o nome é Cimner...

A linha ficou muda. Allie levantou o olhar para ver a mãe segurando a tomada que tinha tirado da parede. Seu rosto estava sem expressão.

— Já chega — disse ela, e retirou tranquilamente o fone da mão de Allie.

A mãe voltou a fatiar o tomate enquanto Allie, congelada, olhava fixamente para ela. Num espaço de 30 segundos ela sentiu o rosto primeiro empalidecer, depois ficar vermelho, enquanto ela tentava segurar as lágrimas. Finalmente, deu meia-volta e saiu furiosa dali.

— *Vocês são loucos!* — exclamou. As palavras começaram em tom baixo, mas se elevaram a um berro enquanto Allie subia as escadas. Bateu a porta do quarto, e uma vez lá dentro ficou parada bem no meio, olhando em volta, aturdida.

Não reconhecia mais aquele local como sua casa.

Quando a manhã de quarta-feira chegou quente e com céu claro, ficou surpresa por constatar que estava aliviada. Ao menos esta fase do castigo estava encerrada.

Olhou para o armário aberto durante meia hora tentando decidir o que vestir. Finalmente optou por uma calça jeans preta e justa e um colete preto com a palavra “Encrenca” escrita em prata cintilante. Penteou os cabelos ruivos e os deixou soltos.

Estudando o reflexo no espelho, se achou pálida. Assustada.

Posso fazer melhor que isso.

Pegou o delineador, aplicou um traço espesso nas pálpebras e em seguida acentuou os cílios com rímel. Depois olhou embaixo da cama e pegou um par de botas vermelhas Doc Marten que iam até o joelho e calçou-as sobre o jeans. Quando desceu, alguns minutos depois, ela achou que parecia uma estrela do rock. Sua expressão era amotinada.

A mãe olhou para o modelito e suspirou de forma dramática, mas não disse nada. O café da manhã se passou em um silêncio gelado, e em seguida os pais a deixaram sozinha para acabar de fazer as malas. Ela empilhou as roupas na cama e sentou entre elas, com a cabeça apoiada nos joelhos dobrados, contando as respirações até se sentir calma.

Quando foram para o carro naquela tarde, Allie parou e olhou para a casa comum com um terraço, tentando memorizá-la. Não era grande coisa, mas sempre fora sua casa, com toda a beleza emocional que a palavra representava.

Agora parecia igual a todas as outras da rua.

TRÊS

A viagem de carro foi uma tortura. Normalmente Allie ficaria feliz em sair da cidade em um dia ensolarado de verão, mas enquanto as ruas lotadas de Londres davam lugar a campos verdes marcados por ovelhas brancas cochilando no calor, ela sentiu uma onda de solidão. A atmosfera no carro não ajudou. Os pais mal tomaram conhecimento de sua presença. A mãe estava com o mapa e ocasionalmente apontava o caminho.

Encolhida no banco de trás, Allie encarou rancorosa as cabeças deles. *Por que não podiam comprar um GPS como todo mundo?*

Já tinha feito essa pergunta a eles diversas vezes, mas o pai só dizia que eram felizes sendo “luditas” e que “todo mundo deveria saber ler um mapa”.

Que se dane.

Sem acesso ao mapa, Allie ficou tentando entender exatamente para onde estava indo.

Não tinham dito onde era a escola, e os nomes das cidades passavam por ela (*Guilford, Camberley, Farnham...*). Em seguida deixaram as estradas principais em direção ao norte e começaram a percorrer caminhos curvos subindo e descendo colinas em pistas minúsculas ladeadas por cercas vivas altas que bloqueavam qualquer visibilidade. Atravessaram vilas (*Cron dall, Dippenhall, Frensham...*). Finalmente, após duas horas, viraram em uma pista de terra estreita. O pai diminuiu bastante a velocidade. A estrada passava por uma floresta espessa onde era mais frio e quieto. Após alguns minutos de impactos e solavancos enquanto ele desviava para evitar buracos fundos na estrada, chegaram a um portão alto de ferro.

Pararam. O ronco do motor do carro era o único ruído.

Por um longo minuto nada aconteceu.

— Precisa buzinar, apertar uma campainha ou algo assim? — sussurrou Allie, tomando ciência da grade preta ameaçadora, que se estendia pelas árvores, até onde ela podia enxergar.

— Não — disse o pai, sua voz também soava sussurrante. — Devem ter circuito fechado de TV ou algo assim. Sabem quando alguém chega. Da última vez esperamos só...

Os portões estremeceram e em seguida, com um ruído metálico estalado, se abriram. Lá dentro a floresta continuava, e o sol mal penetrava através dos galhos espessos.

Allie olhou fixamente para as sombras à frente.

Bem-vinda ao seu novo colégio, Allie. Bem-vinda à sua nova vida.

Enquanto os portões se abriam, ela contou as batidas do coração. *Boom-boom-boom...* Treze batidas e pôde ver a estrada diante dela. Agora seu coração estava tão alto que Allie verificou furtivamente se os pais tinham notado. Eles estavam aguardando pacientemente. O pai tamborilava os dedos no volante.

Vinte e cinco batidas e os portões se fecharam com um tremor.

O pai passou a primeira marcha.

Estavam avançando.

Sentindo a garganta fechando, Allie se concentrou em respirar. Não queria ter outro ataque de pânico agora de jeito nenhum. Mas não conseguia afastar uma sensação opressora de pavor.

Para de pirar, disse a si mesma. É só mais uma escola, Allie. Mantenha o foco.

Funcionou; a respiração acalmou um pouco.

O pai conduziu o carro por uma estrada de cascalho que passava pelas árvores espessas. Depois da estrada esburacada de terra até chegar ao portão, esta era tão lisa e bem conservada que o carro parecia flutuar.

Allie continuou contando as batidas do coração; ao longo de 123 delas, nada além de árvores e sombras; e então um rufar de tambores coronário quando eles saíram para a luz e ela viu uma construção à frente.

Perdeu a conta.

Era pior do que ela temia. Parecendo fora de lugar à luz forte do sol, ao pé de uma colina íngreme coberta por árvores estendia-se uma enorme mansão gótica feita de tijolos vermelho-escuros. A estrutura de três andares tinha sido arrancada de outra época e colocada aqui em... onde quer que eles estivessem. O telhado endentado se projetava afiadamente em pontas e torres, coberto com o que pareciam adagas de ferro forjado apunhalando o céu.

Putá que pariu.

— É uma construção tão impressionante — observou o pai.

A mãe bufou.

— Impressionantemente horrível.

Assustadora. A palavra que eles estão procurando é “assustadora”.

Em contraste com a estrutura intimidante, a estrada de cascalho à frente foi transformada pelo sol em um pedaço de marfim, curvando-se em direção a uma porta grande de madeira na parede de tijolos escuros. Ao penetrarem a sombra projetada pela escola, o pai desacelerou.

No segundo em que o carro parou de se mover, a porta se abriu e uma mulher magra e sorridente saiu e desceu as escadas, correndo ligeiramente. Os cabelos louros e espessos estavam presos para trás sem muita firmeza com um pregador, e se curvavam nas pontas como se estivessem felizes em estar ali. Allie sentiu alívio ao ver como ela parecia normal: os óculos estavam puxados para cima da cabeça, e ela vestia um casaco de cor creme, de algodão, sobre o vestido azul-claro.

Os pais de Allie saltaram do carro e foram falar com ela. Ficando para trás despercebida, Allie abriu a porta relutantemente e saiu do banco traseiro do Ford, que subitamente parecia bastante amigável e familiar. Não fechou a porta.

Em vez de se juntar ao grupo, ela se apoiou no carro e observou fatigada a cena que se desenrolava à sua frente. Esperou. Vinte e sete batidas do coração.

Vinte e oito. Vinte e nove.

— Senhor e senhora Sheridan, é um prazer revê-los. — A voz da mulher era calorosa e alegre; sorria sem esforço. — Espero que a viagem não tenha sido muito tediosa para vocês. O trânsito de Londres para cá às vezes é terrível. Mas pelo menos o tempo está ótimo hoje, não é?

Allie percebeu que ela tinha um ligeiro sotaque, mas não conseguia identificá-lo. Seria escocês? Acrescentava delicadeza e complexidade às palavras, como se fossem filigranadas.

Depois que mais gentilezas foram trocadas e a conversa morreu, os três se voltaram para Allie. Os sorrisos educados dos pais desapareceram, substituídos pelo vazio cultivado ao qual ela já estava desconfortavelmente acostumada. Mas a diretora sorriu calorosamente para ela.

— E você deve ser a Allie — pontuou. Escocesa, definitivamente. Mas que sotaque estranho, muito sutil. — Allie, eu sou Isabelle le Fanult, a diretora da Academia Cimmeria. Pode me chamar de Isabelle. Seja bem-vinda.

Allie ficou um pouco surpresa em ouvir o apelido, em vez de “Alyson”, que era como os pais sempre a chamavam. E ser orientada a chamar a diretora pelo primeiro nome também parecia estranho.

Mas bem legal.

Isabelle estendeu uma mão magra e pálida. Tinha olhos castanhos dourados estranhamente bonitos, e de perto parecia mais jovem do que aparentara ser de longe.

Allie não queria nada com aquele lugar — não queria nada com aquela mulher —, mas se viu retribuindo o gesto. Quando sua mão foi apertada num cumprimento surpreendentemente forte e frio, e soltada gentilmente, ela relaxou um pouco.

Isabelle sustentou o olhar por mais um segundo, e Allie teve a impressão de ter detectado solidariedade na expressão da diretora, antes que ela se voltasse novamente para os pais com um sorriso e um dar de ombros em tom de desculpas.

— Sinto muito, mas a regra é que os pais se despeçam dos filhos aqui. Quando os alunos atravessam a entrada, dão início às suas novas vidas na Cimmeria, e gostamos que eles o façam de forma independente.

Voltando-se novamente para Allie:

— Você trouxe muitas malas? Espero que a gente consiga carregar tudo. A maioria dos funcionários está ocupada no momento, então acho que teremos que nos virar sozinhas.

Pela primeira vez Allie se pronunciou.

— Eu não trouxe muita coisa.

Era verdade. O colégio oferecia quase tudo e permitia tão pouco que no fim das contas ela só tinha duas malas de tamanho médio, basicamente preenchidas por livros e cadernos. O pai as retirou do porta-malas. Isabelle levantou a maior com surpreendente facilidade. Trocou algumas gentilezas finais com os pais de Allie e então se afastou deles.

— Estuda bastante e manda notícias de vez em quando — disse o pai. Ainda estava distante, mas parecia triste, e deu um rápido abraço na filha.

A mãe retirou um chumaço de cabelo do rosto de Allie, evitando os olhos da menina.

— Por favor, dá uma chance a esse lugar. E liga pra gente se precisar — orientou. Por um mero segundo deu um abraço forte em Allie, e então a soltou e voltou para o carro sem olhar para trás.

Allie ficou parada, com as mãos ao lado do corpo, vendo o carro fazer a volta e retornar pelo caminho de cascalho. Sentiu lágrimas ardendo no fundo

dos olhos, e balançou a cabeça ferozmente para espantá-las. Pegando a mala preta que restava, virou na direção de Isabelle, que a observava.

— É sempre difícil da primeira vez — disse Isabelle, com a voz delicada. — Depois fica mais fácil.

Dirigiu-se animadamente para os degraus, falando por cima dos ombros:

— Temos uma pequena distância a percorrer. Você vai ver que este prédio simplesmente não tem fim.

A voz enfraqueceu à medida que foi avançando. Após um instante de hesitação, Allie foi atrás.

— Vou te oferecer a visita guiada no caminho... — dizia Isabelle, mas Allie mal escutou ao ficar boquiaberta com o enorme saguão de entrada.

Lá dentro estava pouco iluminado e frio, a luz forte do sol entrava em um tom colorido, filtrado por um vitral no alto. O teto tinha no mínimo seis metros de altura e era sustentado por arcos espessos de pedra. O chão de pedras fora polido por milhares de pés ao longo de centenas de anos, até ficar liso. Castiçais de um metro e meio de altura erguiam-se como sentinelas em cada canto. Algumas paredes eram cobertas por velhas tapeçarias, apesar de Allie não tê-las visto muito bem enquanto apressava o passo atrás da diretora.

Do saguão de entrada foram para um corredor amplo com piso de madeira escura. Isabelle foi para a primeira sala à direita. Nela havia mais de uma dúzia de mesas grandes e redondas de madeira, cada qual com oito cadeiras ao redor. Em uma das paredes ficava uma lareira enorme, bem mais alta que ela.

— Esta é a sala de refeições. Você vai fazer todas elas aqui — informou, parando um instante para que Allie tomasse ciência antes de prosseguir pelo corredor.

A curta distância e do lado oposto do corredor, ela passou por outra entrada arqueada. Este vasto salão tinha piso polido de madeira, teto quase tão alto quanto o da entrada, e, de maneira geral, estava vazio. A lareira fazia Isabelle parecer uma anã, e um enorme candelabro de metal se pendurava no teto por correntes.

— Aqui é o salão principal. Fazemos eventos, bailes, reuniões e coisas do tipo — disse Isabelle. — Essa é a parte mais antiga da casa. Muito mais velha do que a fachada. Mais velha até do que parece.

Ela deu meia-volta e retornou para o corredor. Allie correu para acompanhá-la, arfando ligeiramente por causa do esforço. Isabelle era surpreendentemente rápida. Virando à esquerda, gesticulou para outra porta, explicando que era a sala comum. Em seguida começaram a subir uma escadaria larga de ma-

deira com um impressionante corrimão de mogno. Os sapatos de Isabelle faziam um ruído suave enquanto ela subia, o tempo todo contando fatos e números sobre a construção. Allie estava um pouco atordoada por tudo aquilo — a escadaria era eduardiana, ou ela tinha dito vitoriana? A sala de refeições era da época da Reforma... ou seria da época dos Tudor? A maioria das salas de aula se encontrava na ala leste, mas o que ela disse que tinha na oeste?

Subindo dois andares, Isabelle virou à esquerda e atravessou um amplo corredor, depois subiu um andar com uma escadaria mais fina que conduzia a um longo corredor escuro alinhado com portas de madeira pintadas de branco.

— Aqui é o dormitório das meninas. Vejamos, você está no 329... — Ela apressou o passo corredor abaixo até o número certo aparecer e abriu a porta.

O quarto era muito escuro e pequeno, com uma única cama de madeira, uma escrivaninha e um armário, todos pintados de branco. Isabelle atravessou o quarto e abriu uma tranca que Allie não conseguiu enxergar, afastando uma persiana de madeira que cobria uma pequena janela arqueada. Instantaneamente o quarto se acendeu com a luz dourada da tarde.

— Só precisa de um pouco de ar fresco — disse alegremente enquanto se dirigia à porta. — Seus uniformes estão no armário, seus pais nos deram seus tamanhos, mas avise a gente se alguma coisa não couber. Deve ter tudo que você precisa. Posso te deixar aqui pra desfazer as malas? O jantar é às sete, você sabe onde é a sala. Ah, por sinal...

Ela virou.

— Eu percebi que você anda tendo problemas na aula de inglês ultimamente, então te pus na minha turma. É um seminário especial com uma turma menor; espero que você ache interessante.

Sobrecarregada com tantas informações, Allie assentiu silenciosamente; então, percebendo a necessidade de palavras, falou hesitante:

— Eu... eu vou ficar bem.

Isabelle inclinou a cabeça para o lado, observando-a por um segundo, e assentiu.

— Tem muitas informações sobre a escola e as suas aulas no envelope na escrivaninha — disse ela. Allie não tinha notado o envelope grande com seu nome à primeira vista, mas agora ficou imaginando como podia não ter percebido.

— Alguma pergunta antes de eu ir?

Allie começou a balançar a cabeça e parou. Olhou para os pés, em seguida para a frente outra vez. Puxou a barra da camisa hesitantemente.

— Você é a diretora, certo?